

ANÁLISE DO TEMPO LINGUÍSTICO NOS TEXTOS DE HISTÓRIA

TENSE ANALYSIS IN HISTORY TEXTS

Denise Miotto Mazocco | [Lattes](#) | denisemazocco@hotmail.com

Universidade Federal do Paraná

Resumo: Este trabalho analisa a localização de eventos no tempo em textos produzidos por historiadores. Observa-se nesses textos que há uma variação na flexão verbal: há o uso não só de verbos no passado, mas também no presente e no futuro, embora a referência seja sempre a eventos que culminaram no passado. O objetivo, então, é explicar esse uso a partir da teoria de expressões denotadoras de intervalo (MÓIA, 2000; MÓIA, 2003) e da teoria de eventos de Link (1998), a fim de defender que outras expressões, entre as quais estão nomes de indivíduos e de eventos complexos, localizam eventos no tempo. Conclui-se da análise que essa localização garantida por indivíduos e eventos complexos dá liberdade para o tempo verbal variar.

Palavras-chave: Tempo; Evento; História.

Abstract: This work analyzes the temporal localization of events in texts produced by historians. We observe in these texts there is a tense variation: the verbs are in the past, in the present and in the future too, although the reference is always events that have happened in the past. The aim of this work is to explain this phenomenon. For this, we use the time-denoting expressions from Mória (2000) and Mória (2003) and Link's (1998) model. We sustain expressions like names of individuals and complex events localize events in time. We conclude this localization, made by individuals and complex events, allows tense variation.

Keywords: Tense; Event; History.

Introdução

Este trabalho objetiva realizar uma análise semântica do tempo em textos produzidos por historiadores. Consideramos a História como o conhecimento cientificamente conduzido do passado humano e, assim, problematizante, hipotético, comunicável, técnico, documentado (REIS, 2006). O historiador lida, portanto, diretamente com o tempo, ou com a localização de eventos no tempo. Do ponto de vista linguístico, nos textos dos historiadores, essa localização é dada pela informação temporal expressa pelo verbo e por advérbios. Observamos, porém, que o tempo verbal varia – a flexão não aparece só no pretérito, mas também no presente, futuro e futuro do pretérito – e que o valor temporal de advérbios e demais expressões que denotam intervalos se sobrepõem à flexão verbal. Entre essas expressões, destacam-se os nomes de indivíduos.

Este trabalho parte, portanto, da observação dessa variação na morfologia verbal: embora sejam narrados eventos localizados no passado, aparecem também verbos flexionados no presente e no futuro. Diante disso, destacamos as seguintes questões: (1) por que é possível utilizar o verbo flexionado em outros tempos – presente, futuro do pretérito, por exemplo – para indicar passado; em outras palavras, o que garante que em um texto de História as sentenças *Getúlio Vargas assumiu o poder*, *Getúlio Vargas assume o poder* e *Getúlio Vargas assumirá o poder* se refiram ao mesmo evento? (2) De que forma nomes de indivíduos e de eventos garantem a referência temporal?

Para discutir essas questões, analisamos sentenças retiradas de obras de História, sob a perspectiva da teoria de eventos de Link (1998), dado que teorias de pontos/intervalos de tempo, principalmente de Smith (1997) – que tem como base a temporalidade referencial de Reichenbach (1947), em que a representação temporal se dá através da relação entre três momentos, o de fala (F), o de evento (E) e o de referência (R) – não dão conta do problema em questão. Exemplo disso é a sentença (1), cujo tempo pode ser explicado a partir da relação entre os três momentos:

(1) Getúlio Vargas assumiu o poder em 1930.

Há o momento de fala (F), que pode ser considerado o presente do historiador, o momento do evento (E), o tempo de *Getúlio Vargas assumir o poder*, e o momento de referência (R), que é especificado pela data *em 1930*. Seguindo a teoria, uma vez que o verbo está no pretérito perfeito, E e R coincidem e precedem F: E, R – F (a vírgula indica coincidência, e o traço, sucessão). Aparentemente, entende-se que a sentença se refere a um evento passado, uma vez que o verbo está no passado. Entretanto, surgem alguns problemas quando tentamos explicar as sentenças (2) e (3); um dos principais é que di-

ferentes tempos verbais não estabelecem diferentes relações com o F, uma vez que as três sentenças se referem a acontecimentos passados.

(2) Getúlio Vargas permanece no poder durante o Estado Novo.

(3) Desde fins de 1936 que o golpe de Estado vem sendo preparado.

(CARONE, 1976, p. 235)

Pelo tempo verbal, a sentença (2) indicaria um evento simultâneo ao tempo de fala (F) e (3) uma continuidade para além do F – interpretação padrão da perífrase *vem sendo* – porém, uma vez que dizem respeito a fatos passados, não se pode dizer que a localização do evento em relação ao momento de fala (F) é indicada pelo tempo verbal. Em ambas as sentenças, o evento culminou antes de F.

Nas duas sentenças anteriores notamos que o tempo é especificado pelas expressões: *durante o Estado Novo* e *desde fins de 1936*. Logo, vale ressaltar, a questão central aqui, para além do tempo verbal, é a interpretação temporal da sentença, do evento.

Para dar conta da relação entre essas expressões, entre as quais incluímos o nome de indivíduos como Getúlio Vargas, valemo-nos da classificação das expressões denotadoras de intervalo, proposta por Mória (2000; 2003) e da teoria de eventos de Link (1998), o qual aproxima indivíduos e eventos, considerando que ambos possuem traços temporais, e leva isso em conta ao propor seu modelo de representação.

Defendemos, por fim, que a localização temporal em textos produzidos por historiadores é garantida por indivíduos temporalizados, isto é, nomes de intervalos e nomes próprios que também trazem informação temporal, e nesses casos esses elementos se sobrepõem ao tempo verbal, tornando, assim, a variação possível.

Teorias de ponto e intervalos de tempo

Um dos caminhos para explicar/representar o tempo nas sentenças de uma língua natural é a partir de uma teoria de pontos/intervalos de tempo. O ponto de partida é o trabalho do filósofo Reichenbach (1947), segundo o qual o tempo nas sentenças é explicado pela relação entre três momentos: o de fala (F), o de referência (R) e o de evento (E). As sentenças de (4) a (6) são assim representadas (a vírgula indica simultaneidade, e o travessão, sucessão):

(4) Pedro chegou.

E, R – F: o tempo E de *Pedro chegar* é simultâneo a um tempo de referência R, e ambos são anteriores ao proferimento da sentença, F.

(5) Pedro está chegando.

E, R, F: o tempo E de *Pedro chegar* é simultâneo ao tempo de referência e ao de proferimento da sentença (F).

(6) Pedro tinha ido embora, quando João chegou.

E – R – F: o tempo E de *Pedro ir embora* é anterior ao tempo R de *João chegar*, que, por sua vez, é anterior ao proferimento da sentença.

Essa teoria é retomada, entre outros autores, por Smith (1997), segundo a qual a informação temporal – garantida de modo complementar pelas marcas temporal (que não indicam mais pontos e sim intervalos) e aspectual expressas na flexão verbal e pelos advérbios de tempo – em uma sentença localiza determinada situação no tempo. Ilari (1994), por sua vez, analisa com essa teoria o tempo das sentenças em português. Ambos os autores incluem o valor temporal dos adjuntos, os quais fixariam o R. Em uma sentença como (7), por exemplo, o adjunto *semana passada* indica o R, que coincide com o E de *Eu a vi* e ambos ocorrem antes do proferimento da sentença (F). Já, em (8), *Ano que vem* fixa o R, que também coincide com o E de *eu vou me formar*, localizado após o F.

(7) Eu a vi semana passada.

E, R – F

(8) Ano que vem eu vou me formar.

F – E, R

Ilari (1994), ao discutir a variação do tempo verbal, afirma que, quando certos tempos verbais coocorrem com adjuntos, assumem outros valores que não os esperados, como no presente histórico (9) e no presente futuro (10):

(9) Em 1939, Hitler invade a Áustria.

(10) Amanhã eu estudo isso.

Diante disso, o autor apresenta duas opções para se chegar a uma explicação; ambas, porém, problemáticas, segundo ele. A primeira consiste em considerar que os adjuntos operam sobre cada valor básico expresso pelos tempos do verbo, prevalecendo o valor expresso nos usos concretos das sentenças. O problema é que não é possível generalizar se é o adjunto que opera sobre o verbo ou o contrário. Em uma sentença como *Agora, o paciente já não sentia dores, só um leve cansaço* (ILARI, 1994, p. 25), é o verbo que opera sobre o adjunto; nesse caso, *agora* indica passado.

A outra possibilidade, segundo Ilari (1994), seria considerar que as formas verbais são polissêmicas. Porém, isso seria desconsiderar que, sem adjuntos, os tempos não são polissêmicos; nesses casos há interpretações privilegiadas, senão obrigatórias. Logo, para dar conta dessa questão, precisamos analisar outros elementos que não somente flexão verbal e adjuntos.

Evidência disso é também o trecho em (11):

- (11) Na segunda metade, o Estado Novo já não tem condições para prolongar a sua política de equilíbrio. Sofrerá, ao longo do tempo, a influência da correlação externa de forças e também da correlação interna, que se modifica à proporção que se modifica o caráter da guerra e que, no interior, as forças produtivas novas crescem. (SODRÉ, 2002, p. 363)

Em (11), o tempo verbal no futuro não joga a eventualidade estativa *sofrer* para um momento posterior ao F. O que a segura no passado é o localizador *na segunda metade* e o nome *Estado Novo*. Veremos, na sequência, como isso ocorre.

Expressões denotadoras de intervalos

Na relação entre tempo verbal e demais expressões que indicam tempo, destacamos a classificação de Mória (2000). Segundo o autor, o que se tem chamado tradicionalmente de localização temporal envolve uma relação direta entre a entidade localizada e o intervalo de tempo, conforme o exemplo (12), ou uma relação direta entre a entidade e outra eventualidade, que pode ser relacionada de modo explícito ou não com um período de tempo, (13) e (14), respectivamente:

- (12) O Paulo casou em 1980.

- (13) O Paulo casou durante a guerra.

- (14) O Paulo casou duas vezes [desde que se licenciou, em 1988].

(MÓIA, 2000, p. 8)

Entre as expressões que localizam entidades, Mória (2000) acrescenta a noção de expressões denotadoras de intervalos: são essencialmente expressões que representam conjuntos de intervalos. Essas expressões podem compor parte de advérbios de localização temporal, como em (15), mas não necessariamente, como em (16):

(15) O Paulo casou em 1980.

(16) 1980 foi um ano fantástico. (MÓIA, 2000, p. 110)

Móia (2003) afirma que essas expressões são compostas por sintagmas, como: *1989, o último ano da década de 80, o ano em que ocorreu a Queda do Muro de Berlim, fim de semana passado, o período antes das eleições, O Período Jurássico*. O autor as divide em dois grupos: expressões denotadoras de intervalos básicas – denotação estritamente temporal que resulta do caráter intrinsecamente temporal dos seus núcleos sintáticos (nomes de intervalos, como ano, dia, etc.) e independe do contexto em que ocorre –; e expressões derivadas – as que se referem a entidades de categorias ontológicas não temporais, como situações ou indivíduos comuns, mas que adquirem propriedades referenciais próximas das dos denotadores básicos em determinados contextos, particularmente ao complementarem preposições temporais (por exemplo, expressões situacionais, *a Segunda Guerra Mundial* ou *o museu reabriu*; expressões denotadoras de indivíduos comuns, como *Roosevelt*). Essas expressões também ocorrem com hiperônimos temporais como núcleos: *o período em que a Segunda Guerra Mundial decorreu, a altura em que o museu reabriu e a altura em que Roosevelt foi reeleito*.

Além disso, a identificação de intervalos pode envolver diferentes processos de nomeação, que podem ser dependentes ou não da situação. São eles: (i) nomeação a partir de fronteiras temporais – sintagmas complexos encabeçados pelas preposições *entre*, *antes* e *depois*; (ii) nomeação a partir de pontos de ancoragem temporal (exteriores ao intervalo) – *há três horas, daqui a um ano, um ano após as eleições*; e (iii) nomeação simples – *1989, o século XX, 6 de agosto de 1945*.

Para este trabalho, é importante ressaltar as expressões que denotam indivíduos/objetos. Segundo Móia (2000) esses nomes podem ser usados em contextos adverbiais, para representar tempo, como *Roosevelt* em (17) e (18):

(17) Clinton é o presidente americano mais popular desde Roosevelt.

(18) Nenhum presidente tinha sido tão popular (como Clinton) desde Roosevelt
(MÓIA, 2000, p. 134)

Outro exemplo, retirado do nosso corpus de análise, é a sentença (19) em que há a expressão localizadora *No Estado Novo* que localiza o evento e se sobrepõe à morfologia do presente que não contribui para a interpretação temporal.

(19) No Estado Novo, a alta centralização do poder político é evidentemente acompanhada pela centralização do poder simbólico.

(VELLOSO, 1982, p. 77)

Essa descrição sugere que nomes de indivíduos e de eventos históricos denotam tempo. Para além disso, porém, precisamos de um modelo de representação que contemple a relação dessas expressões com os demais elementos das sentenças. Por isso, recorremos a uma teoria de eventos.

Representação de eventos

Dentre os modelos de representação que tratam, entre outros elementos, da temporalidade dos eventos, optamos por analisar o objeto em questão com o modelo de Link (1998). De acordo com o autor, indivíduos e eventos podem ser representados pela mesma estrutura, a de reticulados. Link (1998) propõe uma ontologia conforme a qual indivíduos e eventos seriam tipos de processos: entidades mereologicamente estruturadas (representadas por reticulados), que ocupam espaço e estão envolvidas no tempo, e por isso têm traços de tempo, espaço e de tempo-espaço.

Link (1998), então, apresenta sua proposta de definir eventos pelas regiões espaçotemporais onde eles ocorrem, mas também de tornar essas regiões parte da noção do evento. Para tanto, atribui aos eventos traços temporais e espaciais. Por exemplo, segundo o autor, o traço temporal da Revolução Francesa está contido nos 10/12 anos do final do século XVIII, mas sua extensão exata depende da natureza dos subeventos que a história considera como parte da Revolução. Considerando que eventos são reticulados, um evento complexo como a Revolução Francesa é compreendido como a soma mereológica de eventos menores, como a convocação do Terceiro Estado, a Tomada de Bastilha, etc.

A noção de soma de eventos, Link (1998) chama-a também de eventos complexos. Um evento complexo pode ser parte de um evento complexo maior. Daí novamente a noção de subevento, que é distinguida em dois sentidos: sentido espaçotemporal e um sentido de complexidade. Por exemplo, o voto dos Montanheses na Assembleia Nacional é uma parte do número total de votos do evento da Convenção, no sentido complexo, enquanto a primeira hora de um discurso de Robespierre que durou várias horas é um subevento do discurso completo no sentido de *part-relation* temporal. Dois eventos que estão em uma *part-relation* em sentido complexo (*c-part*) podem se comportar em um modo arbitrário ao longo da dimensão espaçotemporal: eles podem ser completamente separados ou podem possuir traços idênticos.

Assim como os eventos, Link (1998) confirma que os indivíduos também possuem uma estrutura interna em que se evidenciam partes temporais. Por exemplo, a metamorfose na biologia. Um inseto é um indivíduo, mas um inseto como a borboleta, por exemplo, que passa por metamorfose, passa por etapas de desenvolvimento – ovo, larva, etc. Cada uma dessas fases não constitui um indivíduo, mas sim estágios de um indivíduo, uma vez que o organismo que passa por esse processo tem um período de vida mais longo do que esses estágios. Do mesmo modo, um anel e o ouro de que foi feito são estágios de uma matéria.

Em resumo, indivíduos são processos estacionários, enquanto eventos são processos restritos que se submetem a mudanças e são equipados com uma estrutura discernível de papéis que são característicos do evento em questão.

Definidos eventos e indivíduos, Link (1998) propõe um modelo de interpretação composto pelos seguintes elementos:

$$M = \langle A, E, T, H, \mathcal{E}, R, \pi, \tau, \sigma \rangle$$

A é o conjunto de indivíduos

E é o conjunto de eventos particulares

T é o conjunto de períodos de tempo

H é o conjunto de regiões espaciais

\mathcal{E} é o conjunto de tipos de evento/eventos-tipo

R é o conjunto de papéis temáticos

π é a relação entre eventos e tipos de eventos

τ é uma função de E para T (função do traço temporal)

σ é uma função parcial de E para H (função do traço espacial)

Nesse modelo, distinguem-se, então, indivíduos regulares, eventos, períodos de tempo, regiões do espaço, papéis exercidos pelos indivíduos nos eventos e tipos de eventos. A e E constituem o conjunto de indivíduos e eventos, respectivamente, comentados acima. Já o conjunto \mathcal{E} é constituído por tipos de evento. Conforme Link (1998), há uma tendência a classificar eventos a partir de suas semelhanças e, conseqüentemente, a pensar que eventos se repetem. A essa intuição está subjacente a noção de tipos de evento. O autor esclarece com dois exemplos:

(20) Um padre faz um juramento sobre a Constituição.

(21) O rei chama e demite o banqueiro Necker duas vezes.

Toda vez que ocorre (20), um mesmo tipo de evento ocorre – um padre fazer um juramento sobre a Constituição –; porém quando se altera o agente (o padre X, o padre Y),

pode-se dizer que são eventos diferentes, pertencentes ao mesmo tipo. Nesse caso, muda-se o agente, mas o indivíduo padre exerce o mesmo papel.

A sentença em (21) traz duas ações do mesmo tipo, mas que se diferem no tempo e nas circunstâncias. A primeira vez que o rei chamou e demitiu o banqueiro Necker é diferente da segunda. É um tipo de evento que, quando especificadas as circunstâncias, principalmente de tempo e de espaço, ganha a feição de evento. Evento é entendido, então, como uma noção concreta, particular, localizado historicamente e que pertence ao passado assim que ocorre.

Consideremos o seguinte exemplo: *Getúlio Vargas assumiu o poder em 1930*. Essa sentença indica um evento – o de *Getúlio Vargas assumir o poder em 1930* – e um tipo de evento – *um indivíduo assumir o poder*. A identificação do agente e da data localiza o evento no tempo e no espaço. Agora, pensemos em uma sequência temporal em que o tipo de evento *um indivíduo assumir o poder* se repete. Nessa sequência, as sentenças *Getúlio Vargas assumiu o poder em 1930* e *Getúlio Vargas assumiu o poder em 1937*, localizadas temporalmente, apontam para dois eventos históricos diferentes.

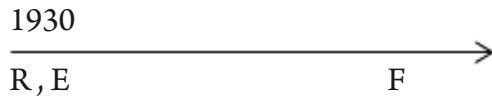
Vale ressaltar que os nomes próprios, nesse modelo, estão diretamente ligados ao conjunto de tempo. *Getúlio Vargas* é um indivíduo temporalizado. Na relação entre os conjuntos de Link (1998), o indivíduo é ligado ao conjunto de tempo pela função τ ; por isso, podemos dizer que o nome *Getúlio Vargas* pode constituir expressões denotadoras de intervalos, ou seja, passa a nomear intervalos de tempo, como: Era Vargas, o governo de Vargas, a ditadura Vargas, o regime de Vargas, entre outras. Logo, os nomes próprios são indivíduos temporalizados.

Análise

Com base na discussão teórica feita nas seções anteriores, analisamos aqui sentenças e trechos de textos de História, a fim de explicar a sua localização temporal dos eventos. Sob o sistema de Smith (1997), o tempo em (22) pode ser explicado da seguinte forma:

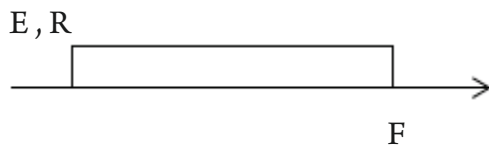
(22) *Getúlio Vargas assumiu o poder em 1930.*

Há o momento de fala (F), que pode ser considerado o presente do historiador, o momento do evento (E), o tempo de *Getúlio Vargas assumir o poder*, e o momento de referência (R), que é especificado pela data *em 1930*. Uma vez que o verbo está no pretérito perfeito, E e R coincidem e precedem F: $E, R < F$. A sentença se refere a um evento passado.

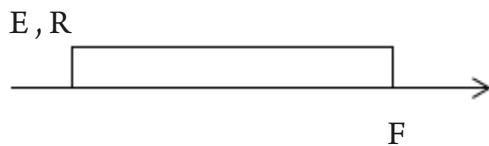


Já em (23) e (24), o adjunto *até o final do Estado Novo* localiza o evento no tempo. Nota-se que independente da morfologia, a representação do tempo da sentença é a mesma:

(23) Getúlio Vargas permanece no poder até o final do Estado Novo.



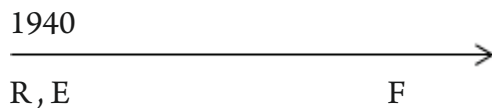
(24) Getúlio Vargas permanecerá no poder até o final do Estado Novo.



Chamamos, então, *até o final do Estado Novo* de expressão denotadora de intervalo (MÓIA, 2003). Outra expressão como essa aparece também em (25):

(25) Em abril de 1940, os jornais ocupam páginas inteiras sobre o aniversário de Getúlio Vargas. (CARONE, 1976, p. 167)

Aqui, a data *abril de 1940*, em posição de adjunto, localiza o evento *os jornais ocuparem* páginas inteiras sobre o aniversário de Getúlio Vargas no passado – embora o verbo *ocupar* esteja no presente –, em um momento anterior ao proferimento da sentença.



Para Mória (2003), *em abril de 1940* é uma expressão denotadora de intervalo básica, uma vez que o núcleo, *abril de 1940*, tem caráter intrinsecamente temporal. Nesta sentença também há outra expressão que denota intervalo, o nome *Getúlio Vargas*, uma expressão derivada, segundo o autor, uma vez que se trata de uma entidade de categoria ontológica não temporal, mas que adquire propriedades referenciais próximas das dos denotadores básicos em determinados contextos. Link (1998), por sua vez, vai dizer, ao contrário de Mória (2003): indivíduos e eventos são ontologicamente temporais.

Nas sentenças (23) e (24), *Estado Novo* é o núcleo do adjunto e se refere ao período de 1937 a 1945, enquanto *Getúlio Vargas* pega um intervalo de tempo maior, em que o tempo do Estado Novo está incluído. Nas sentenças (26) e (27), as expressões denotadoras de intervalo estão na posição de sujeito e núcleo de predicação (MÓIA, 2003).

(26) **O regime de 1937** não resultou da tomada do poder por nenhum movimento revolucionário organizado e de massas. (OLIVEIRA, 1982, p. 25)

(27) **O Estado Novo** foi implantado no estilo autoritário, sem grandes mobilizações. (FAUSTO, 1995, p. 364)

Em (28) há um verbo cópula que não contribui para a interpretação temporal, dada pelo tempo denotado pelo nome do indivíduo Getúlio Vargas:

(28) “Restabelecer o prestígio do governo central” é razão de ser do golpe, para **Getúlio Vargas**. (CARONE, 1976, p.257)

Nesse caso, o indivíduo *Getúlio Vargas* em posição de PP¹ conformativo indica um intervalo de tempo. Veremos que é possível dizer que o nome *Getúlio Vargas* denota um intervalo, a partir da relação entre conjuntos proposta por Link (1998). Para tanto, voltamos à sentença (23):

(23) Getúlio Vargas permanece no poder durante o Estado Novo.

Aqui o indivíduo *Getúlio Vargas* compõe o conjunto A de indivíduos e tem um papel R no evento *permanecer durante o Estado Novo*. O traço temporal do evento é marcado pelo nome *Estado Novo*, que se refere ao período de 1937 a 1945. Como os domínios estão interligados, a função τ garante a relação entre o evento e o T, conjunto de tempo, e uma vez que o indivíduo do conjunto A exerce um papel em E, também está relacionado ao conjunto do T.

No conjunto T, há uma relação entre intervalos de tempo denotados pelo nome *Estado Novo* e pelo indivíduo *Getúlio Vargas*. O tempo denotado pelo primeiro está incluído no segundo. Para a interpretação temporal das sentenças, portanto, é necessário considerar a noção de indivíduos temporalizados.

Já *Estado Novo* pode ser considerado um evento complexo, uma vez que constitui uma soma dos eventos: *permanência de Getúlio Vargas no poder, instauração de um regime de governo autoritário, golpe de Estado, repressão ao comunismo, criação de uma nova Constituição*. São, assim, subeventos que estão em uma relação *c-part*. Há o consenso de

¹ Do inglês, Prepositional Phrase (sintagma preposicional).

que o evento Estado Novo está localizado no período de 1937 a 1945, mas sua extensão depende dos subeventos que os historiadores levam em conta para delimitá-lo, por exemplo, considerar que os processos para sua instauração iniciaram em 1930 ou 1936, e que seu fim se deu pela entrada do Brasil na Segunda Guerra, pela pressão internacional ou no exato momento quando Vargas foi deposto.

Para entendermos melhor essa noção de evento complexo, vamos ver outro exemplo: a *Era Vargas* se refere a todo o período em que o Brasil esteve sob o poder de Getúlio Vargas (de 1930 a 1945 e de 1950 a 1954). Compõem a *Era Vargas* outros eventos, como a *ascensão de Getúlio Vargas ao poder*, a *criação de leis trabalhistas*, a *consolidação de um regime autoritário*, e até mesmo outros eventos complexos, como a Revolução de 1930 e o Estado Novo.

- (29) Subindo ao poder em outubro de 1930, Getúlio Vargas nele permaneceu como chefe de um governo provisório, presidente eleito pelo voto indireto e ditador pelo espaço de quinze anos. Voltaria à Presidência pelo voto popular em 1950. (FAUSTO, 2006. p. 186)

Nota-se, em (29), que o futuro do pretérito não lança o evento *voltar à Presidência pelo voto popular em 1950* em uma situação hipotética. Trata-se de um evento que culminou no passado e faz parte do evento complexo a *Era Vargas*.

Voltando, podemos dizer então que *Estado Novo* é, portanto, um evento complexo e, por consequência, possui partes temporais. Por isso podemos dizer que denota um intervalo de tempo (de 1937 a 1945).

Além disso, essa expressão pode ocupar diferentes posições sintáticas, como complemento de PP (30), objeto de predicação (27) e sujeito agente (31) e (32):

- (30) A partir do Estado Novo, desapareceu a representação via Congresso. (FAUSTO, 1995, p. 366)

Em (30), o conjunto T é delimitado pelo localizador *a partir do Estado Novo*, temporalmente equivalente a *a partir de 1937*, a função τ liga o evento *desaparecimento da representação via Congresso* ao conjunto T. *Congresso* é modificador da representação e também constitui um indivíduo temporalizado, sua ancoragem temporal pode ser recuperada anaforicamente.

Em (27) – novamente comentada – há uma passiva. O agente da implantação do Estado Novo, Getúlio Vargas, não está explícito, é uma informação que pode ser inferida do termo *Estado Novo* – expressão que aqui também delimita o conjunto T. Pensando na

definição de evento complexo, podemos dizer que a inferência do agente é possível, uma vez que o evento *Getúlio Vargas implantou o Estado Novo* é uma parte do evento complexo Estado Novo.

- (27) O Estado Novo foi implantado no estilo autoritário, sem grandes mobilizações.
(FAUSTO, 1995, p. 364)

Já em (31) e (32), *Estado Novo* ocupa a posição de sujeito agente. Na representação de Link (1998), passa a compor o conjunto A de indivíduos e R, de papéis temáticos, ao mesmo tempo em que também faz parte do conjunto T, de tempo.

- (29) Na sua primeira metade, e ainda depois de irrompida a Segunda Guerra Mundial, o Estado Novo buscou realizar, no exterior, uma política de equilíbrios que lhe permitisse tirar proveitos das contradições entre os diversos imperialismos em presença e já tendendo para a solução de força.
(SODRÉ, 2002, p. 363)

- (30) O Estado Novo perseguiu, prendeu, torturou, forçou ao exílio intelectuais e políticos, sobretudo de esquerda e alguns liberais. (FAUSTO, 1995, p. 376)

Logo, *Estado Novo* é um evento complexo, que localiza eventos no tempo e pode ocupar posição de agente, predador e adjunto.

Considerações Finais

Por contemplar os subdomínios que compõem os eventos, o modelo de Link (1998) fornece uma explicação significativa para a questão central deste trabalho: relações entre indivíduos e eventos, que garantem a referência temporal.

Podemos considerar, pela análise realizada, *Estado Novo* como um evento complexo, da mesma forma que Link (1998) definiu *Revolução Francesa*. É uma soma de eventos: permanência de Getúlio Vargas no poder, instauração de um regime de governo autoritário, golpe de Estado, repressão ao comunismo, criação de uma nova Constituição, etc. São, assim, subeventos que estão em uma relação *c-part*. Do mesmo modo, *Getúlio Vargas* é um indivíduo temporalizado, é ligado ao conjunto de tempo pela função τ ; por isso, como mostramos, o nome *Getúlio Vargas* pode constituir expressões denotadoras de intervalos.

Pode-se afirmar então que, nos textos de História, a semântica do passado, garantida por indivíduos e eventos, dá liberdade para o tempo verbal variar sem que se altere a localização temporal dos eventos.

Referências

- BACH, E. The algebra of events. *Lingusitic and Philosophy*, v. 9, p. 5-16, 1989.
- CARONE, E. *O Estado Novo: (1937-1945)*. Rio de Janeiro: DIFEL, 1976.
- FAUSTO, B. *História do Brasil*. São Paulo: Edusp, 1995.
- ILARI, R. *A expressão do tempo em português*. São Paulo: Contexto: EDUC, 1997.
- LINK, G. *Algebraic semantics in language and philosophy*. Stanford: CSLI Publications, 1998.
- MÓIA, T. *Identifying and computing temporal locating adverbials with a particular focus on Portuguese and English*. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade de Lisboa, Lisboa, 2000.
- _____. Subdomínios de Significação Associados ao Tempo: Uma Panorâmica Geral. In: CASTRO, I.; DUARTE, I. (Org.). *Razões e Emoção: Miscelânea de Estudos em Homenagem a Maria Helena Mira Mateus*. Lisboa: INCM, 2003. v. II, p. 95-127.
- OLIVEIRA, L. L. O pensamento de Almir Andrade. In: OLIVEIRA, L.; VELLOSO, M.; GOMES, Â. *Estado Novo: Ideologia e poder*. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.
- REICHENBACH, H. *Elements of symbolic logic*. New York: Macmillan, 1947.
- REIS, J. C. *História, a ciência dos homens no tempo*. Londrina: EDUEL, 2009.
- SMITH, C. *The parameter of aspect*. 2. ed. Dordrecht: Kluwer Academic Press, 1997.
- SODRÉ, N. W. *Formação histórica do Brasil*. Rio de Janeiro: Graphia, 2002.

Submetido em: 28/02/2017

Aceito em: 11/04/2017